

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

Seis meses depois

O Lusitano de domingo foi o último do primeiro semestre que viveu e este é o primeiro do segundo da sua vida.

Duas épocas de grande importância para nós porque marcam duas datas gloriosas: a primeira, a do aparecimento de um jornal que surgiu de entre o marasmo em que jaziam os vimaranenses para combater a imbecilidade triunfante, e a segunda, a da sua transição do primeiro para o segundo semestre com a mesma força de vontade, a mesma linha de conducta, a mesma altivez, a mesma coerência e muita mais energia, apesar de ter atravessado uma época completamente anormal, com suspensão de garantias, em que se efectuavam prisões a torto e a direito, com motivo ou sem êle, leis de garrote, e da guerra tenacíssima que os nossos inimigos nos teem movido, acompanhada de ameaças, de enxovalhos, de cartas anónimas, de intrigas e outras proezas.

Por sobre tudo isso passou o Lusitano, altivo e sereno sempre, sem recuar um só passo, sem se desviar do caminho que traçou, sem recear ameaças, desprezando insultos e colocando-se superior à intriga, e continua com os mesmos desejos ardentes de viver, porque é necessário que viva, de lutar, porque é indispensável que lute, de vencer, porque indubitavelmente vencerá.

Temos conseguido pouco, mas temos lutado muito, e os nossos vinte e seis números publicados são outros tantos látegos que caem formidáveis sobre a demagogia arruaceira e imbecil que pretendia fazer duma cidade culta, como a nossa, um inóspito sertão, e dum país ilustrado como este, um perfeito estado marroquino.

Resoa ainda aos nossos ouvidos o eco produzido pela detonação das bombas explosivas — a *artilharia civil*, como *ingenuamente* lhe chamaram os amigos dos artilheiros — que mãos de scelerados criminosos fizeram explodir, na noite de 11 para 12 de Junho do ano corrente, no largo do Toural e na rua de Santo António.

Foi essa lamentável e criminosa ocorrência que radicou mais poderosamente em nosso espírito a ideia que de há muito trazíamos da fundação dum jornal de combate que opozesse barreiras à horda anónima que queria tomar foros de superioridade na hierarquia republicana, servindo-se, para o seu fim, à falta de outro meio de acesso mais fácil, do terror das bombas, dos abusos, das ameaças, dos incêndios e outros crimes idênticos.

Em Guimarães ia principiar a terrível função.

Era necessário que houvesse alguém que protestasse, bem alto, contra crimes abomináveis que ficavam impunes; era imperiosamente preciso que houvesse quem fizesse vêr a essa horda, duma forma bem categórica, que não tinha medo, e esse alguém, à falta doutros mais possantes e mais duros, fomos nós que creamos o Lusitano e viemos bradar para as suas colunas que não tentassem profanar o solo desta pacata cidade.

Jogamos a liberdade ou a vida, bem o sabemos, mas uma ou outra tê-la íamos perdido de boa vontade em defesa dos interesses sagrados da pátria e do povo.

Ter-nos não compreendido?

Creemos que a maioria do povo nos compren-

deu, e a prova está nos novos assinantes que dia a dia vão chegando.

Diziam para aí que o Lusitano não chegaria ao terceiro número; mas, graças à nossa força de vontade, à nossa energia, à nossa coragem e ao lisonjeiro acolhimento que o povo, logo a princípio, nos dispensou, êle conseguiu viver até hoje e sente-se com forças para continuar a sua luta pela Verdade, pela Razão, pela Ordem e pela Justiça.

E viverá, podem crê-lo.

Foi um jornal sugerido pela detonação de bombas explosivas e por isso nem estas serão capazes de lhe entravar a marcha.

Para o Lusitano viver não basta a nossa tenacidade e a nossa coragem.

E' necessário mais alguma coisa.

Não obstante o que bocas malévolas para aí apregoam — que o nosso jornal recebe dinheiro de monárquicos e reaccionários — êle não tem outros recursos senão o que lhe rende a assinatura, e por isso precisamos do auxílio de todos os nossos amigos, uns pagando os seus débitos em atraso e todos angariando-nos novas assinaturas.

O nosso jornal é necessário que exista, mas para viver precisa de ser ajudado.

Cada assinante dos actuais prestava-nos um grande serviço angariando-nos mais outro assinante, o que não lhes será difícil, e assim nós poderíamos, como é nosso desejo, ampliar o Lusitano com variadas secções de interesse, o que actualmente não podemos fazer porque, estando impossibilitados de fazer excessos de despesas, vemo-nos forçados a servir-nos sómente com a *prata da casa*; e como todos os que aqui trabalham teem os deveres impostos pelas suas profissões, não podem dedicar-se inteiramente a êle.

Vamos, contudo, fazendo o que podemos, mas com a ajuda dos nossos amigos faremos muito mais.

Ajudem-nos e verão que o Lusitano, que tem passado através de todos os obstáculos, continuará impavido a sua marcha cujo termo há de ser glorioso quando na República Portuguesa reinar a Paz, que tam ansiosamente esperada é, e a Liberdade, que tam estrangulada tem sido.

Os grandes patriotas

Os meus bons leitores talvez não saibam quem são os grandes patriotas, os mais puros e excelentes patriotas que tem havido e há em terra portuguesa. Pois eu lho digo: são os republicanos; nem mais nem menos.

Alguém duvida-o?

Eu lho provo com factos inegáveis que a história já regista.

Em 1881 foi apresentado às câmaras legislativas, pelo governo progressista, o tratado de Lourenço Marques, em virtude do qual nós já entrávamos a fazer cessões de territórios de que estavamos de posse há muitos anos. Por isso Magalhães Lima, o democrata assombroso e o patriota enorme, atacou-o rudemente no *Século*, conseguindo um grande êxito para o jornal e um notável desenvolvimento para o partido republicano. Em menos dum mês recebe-

ram-se na redacção protestos e adesões passante de 3000.

«Milhares de pessoas foram ao parlamento entregar uma mensagem de protesto, aprovada num comício do dia anterior e escrita por Rodrigues de Freitas que, do seu lugar de deputado, exigiu a leitura desse documento entre ruidosas manifestações do público contra o projecto do governo.

«O resultado dessa campanha foi tal que o *Século* tornou-se em breve o jornal de maior circulação em todo o país e o partido republicano aumentou tanto que em 1886 só em Lisboa havia mais de trinta clubs republicanos».

«Em 1889 surge a questão inglesa a propósito do nosso domínio na Zambézia.

«Em Junho Consiglieri Pedroso reclama no parlamento que o governo mantenha com firmeza os direitos portugueses.

«Em Dezembro o *Centro Fraternidade Republicana* de Lisboa protesta contra os insultos que nos são dirigidos pela imprensa inglesa».

Quando a 11 de Janeiro de 1891 rebentou o *ultimatum*, em que a Inglaterra nos impunha uma forçada submissão às suas ordens sob ameaça de bombardeamento imediato, então o fervor patriótico dos republicanos subiu ao seu auge. Nêsse dia lacrimosamente memorável, à noite, numerosos ranchos de pessoas correram ao *Século* dando vivas à república. A academia reunese para protestar contra o procedimento inglês, tendo à frente Higinó de Sousa, que fundou a *Pátria*, jornal republicano académico. Esse movimento, por influência dos republicanos, espalhou-se por todo o país e o ódio ao inglês começou a germinar no peito dos portugueses.

Em Setembro do mesmo ano, Hintze Ribeiro leu na câmara dos deputados o tratado que tinha sido concluído com a Inglaterra e que, tanto fora como dentro do parlamento, fôra mal recebido em consequência da agitação que os republicanos tinham promovido à conta dêle. Atribuindo o *ultimatum* ao desleixo dos governos monárquicos e à corrupção da rialesa, começaram a promover a revolução Alves da Veiga, João Chagas, Bazílio Teles e Santos Cardoso no Porto e Elias Garcia em Lisboa. Tanto trabalharam que enfim rebentou a revolução em 31 de Janeiro do ano seguinte. Os republicanos ficaram vencidos, mas o seu patriotismo não esfriou.

As nossas relações com a Inglaterra estiveram frias durante alguns anos; mas por fim reconheceu-se que a aliança com essa poderosa nação nos era indispensável e por isso as relações retomaram a primitiva cordialidade.

Com isto não ficaram contentes os republicanos e sempre desdenharam da aliança, dizendo que nós estavamos numa posição humilhante, que eramos uma espécie de tutelados da Gran-Bretanha.

Era de esperar que uma vez elevados ao governo da nação sacudiriam a tutela e se apurariam deante da soberba Alboim. Pois chegou a ocasião de se submeter à prova o patriotismo dos inimigos da monarquia. E tem-se visto que é da mais pura qualidade.

A primeira medida dos republicanos foi a dissolução das congregações, mas as que estavam sob a bandeira inglesa

agradecer aos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Abades Bernardo José Rodrigues, José Martins da Silva e José Francisco de Amorim; aos Rev.^{mos} Padres Costa Araújo, Domingos Gonçalves, Moita Reis e António Carvalho; aos Ex.^{mos} Srs. Adolfo Vilela, Albertino Freitas, João Pereira de Magalhães, Gonçalo Ribeiro e família, Francisco de Abreu e família, Luis Ribeiro, Rufino Esteves, Manuel Pereira a família, António de S. José Alves Ribeiro e família, Bernardino Alves e família; às Ex.^{mas} Senhoras Donas: Esperança Amorim, Amélia Esteves Pereira, Alzira Esteves Pereira, Maria Rita Alves Teixeira Leitão, Maria da Conceição Pereira Guimarães e família, Cândida de Sousa e Sobrinha, Felicidade Vieira Baptista e Maria A. de Lourdes e bem assim a todas as pessoas que assistiram às missas e respostas que pelo eterno descanso da alma de sua esposa, mãe, irmã e cunhada Cecília Mendes Salgado Moniz, se celebraram em Polvoreira, Mascoteles e Guimarães nos dias 2 de Novembro, 9 e 11 de Dezembro deste ano.

Pela celebração, mandado ou assistência a tam caridosas quam demonstrativas provas de saudade pela querida morta e de amizade por todos nós—muito e muito obrigados e gratos nos confessamos a Vossas Excelências.

AGRADECIMENTO

A família do falecido João José Machado, extremamente penhorada pelas provas de amizade e consideração que recebeu na ocasião do inesperado falecimento de seu irmão, tio e cunhado, agradecem cordalmente, por este modo, e a todas as pessoas que se dignaram assistir à missa de trigésimo dia.

Guimarães, 14 de Dezembro de 1912.

A família.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitos, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertencas. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.

GUIMARÃES

TIP. MINERVA VIMARANENSE



Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luis da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	{ Ano . . . 1\$200 rs.
	{ Semestre . . . 600 "
Pelo correio	{ Ano . . . 1\$300 "
	{ Semestre . . . 650 "
Trimestre 400 "
Estados U. do Brazil (ano)	. . . 1\$600 "
Países da União Postal	. . . 2\$000 "
Número avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesense

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 27

Ex.^{mo} Sr.